

## DEUSAS E MONSTRAS HOMÉRICAS: OLHARES SOBRE A ARTE

## HOMERIC GODDESSES AND MONSTERS: LOOKS ON ART

DOI 10.5281/zenodo.10583704

Letícia Schneider Ferreira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por finalidade refletir sobre a forma como as personagens femininas que não pertencem ao âmbito humano são representadas em obras pictóricas, referindo quais elementos de gênero são mobilizados ao referir tais figuras míticas. As personagens selecionadas, sejam ninfas, sejam monstras, possuem um papel fundamental para a obtenção da glória do herói Odisseu, ardiloso combatente da Guerra de Troia que foi amaldiçoado por Poseidon e encontra uma série de obstáculos que retardam seu regresso ao lar. Estas personagens não humanas desempenham uma função importante na epopeia de Homero, seja auxiliando e protegendo Odisseu, seja o desafiando em sua jornada, compondo seu kleos e tornando seu nome cantado ao longo do tempo. Os temas referentes à Odisseia foram objeto de interesse de diferentes artistas ao longo do tempo e revelam uma determinada perspectiva sobre o feminino; assim sendo, foram selecionadas algumas obras de arte para serem analisadas ao longo deste artigo: Circe oferece a taça para Ulisses (1891), A Ilha de Calypso (1897), Odisseu em frente a Cila e Caribdis (entre 1794 e 1796) e As Sereias e Ulisses (1825). A observação das imagens refere uma perspectiva sobre o feminino que se situa entre a beleza e sedução do corpo feminino e o perigo que representa ceder ao apelo feminino, que cerceia e devora, podendo levar o herói a perder sua identidade e até a vida. Deste modo, o capítulo se estrutura da seguinte forma: introdução ao tema e debate de questões de gênero, apresentação da obra homérica e das personagens, análise das fontes e apresentação de resultados e, por fim, considerações finais e referências.

**Palavras-chave:** Obras pictóricas. Gênero. Homero. História.

**Abstract:** The purpose of this article is to reflect on the way in which female characters that do not belong to the human sphere are represented in pictorial works, referring to which gender elements are mobilized when referring to such mythical figures. The selected characters, whether nymphs or monsters, play a fundamental role in achieving the glory of the hero Odysseus, a cunning combatant in the Trojan War who was cursed by Poseidon and encounters a series of obstacles that delay his return home. These non-human characters play an important role in Homer's epic, whether helping and protecting Odysseus, or challenging him on his journey, composing his kalos and making his name sung over time. The themes relating to the Odyssey have been the object of interest for different artists over time and reveal a certain perspective on the feminine; therefore, some works of art were selected to be analyzed throughout this paper: Circe offers the cup to Ulysses (1891), The Island of Calypso (1897), Odysseus in front of Scylla and Charybdis (between 1794 and 1796) and The Mermaids and Ulysses (1825). Observation of the images refers to a perspective on the feminine that lies between the beauty and seduction of the female body and the danger that it represents giving in to the feminine appeal, which restricts and devours, which can lead the hero to lose his identity and even his life. Thus, the chapter is structured as follows: introduction to the theme and debate on gender issues,

---

<sup>1</sup> Docente de História do IFRS Campus Bento Gonçalves. Doutora em História pela UFRGS. E-mail: leticia.ferreira@bento.ifrs.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9221388007222248>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6292-3028>

presentation of the Homeric work and characters, analysis of sources and presentation of results and, finally, final considerations and references.

**Keywords:** Pictorial artworks. Genre. Homer. History.

## Introdução

A obra Odisseia, supostamente escrita pelo aedo Homero no século VIII a.C. é, sem dúvida, uma das obras fundadoras da literatura mundial. A narrativa acompanha as peripécias de Odisseu, guerreiro astucioso responsável pela armadilha do Cavalo de Madeira que acarretou na vitória grega sobre os troianos, o qual após dez anos de conflito, demora mais dez anos para conseguir retornar ao seu lar. O texto homérico apresenta alguns elementos interessantes na construção dos Cantos, como a utilização de uma narrativa não linear, havendo passagens relativas às memórias de Odisseu e inclusive capítulos em que ele sequer está presente, como os trechos em que o protagonista é seu filho Telêmaco. Estudiosos desta fonte literária levantam a possibilidade de que a obra que chegou até os dias de hoje tenha sido composta por várias mãos, sendo que esta epopeia teria se originado a partir de uma tradição oral anterior. Martins expõe que

Talvez seja possível até mesmo dizer que a própria Odisseia é fruto de um ato heroico, haja vista ter se originado de uma tradição oral de transmissão de seus cantos e que, em algum momento histórico indeterminado, mas provavelmente no fim do século VIII a.C., foi fixada a forma escrita. Há, ainda, dúvidas em relação a existência de um texto único, pois cada edição apresenta diferenças, ainda que mínimas em sua redação. (MARTINS, 2019, p.79)

A jornada heroica de Odisseu, ao contrário do observado na outra obra atribuída a Homero, a Ilíada, não se concentra somente na habilidade guerreira, mas sim na competência em ultrapassar os desafios impostos em uma trajetória perigosa, em que seres monstruosos e oportunidades tentadoras se apresentam ao personagem. A ofensa de Odisseu ao deus dos mares, Poseidon, resulta na demora do soberano de Ítaca em retornar ao seu lar, deixando seus entes queridos apreensivos

com a possibilidade do guerreiro aqueu ter desaparecido nas águas do mar. De modo oposto aos combatentes da *Ilíada*, cuja morte pode significar a eternização de seu nome, Odisseu luta para sobreviver e reencontrar o filho e a amada esposa, Penélope, e o uso de sua *métis* privilegiada é essencial para que o personagem consiga resolver as situações que se apresentam até conseguir seus objetivos.

Odisseu é, sem dúvida, a figura que protagoniza a epopeia homérica, mas seu sucesso depende, em grande medida de seu encontro com algumas personagens femininas ao longo de suas aventuras, e é exatamente sobre tais personagens que este estudo irá se dedicar. Assim, serão apresentadas algumas personagens não humanas cuja atuação se mostra fundamental para a constituição da glória odisseica, como as ninfas Calipso e Circe e as monstros Cila, Caribdis, além das famosas sirenes ou sereias, referindo as questões de gênero que estão presentes na construção destas figuras. O impacto no imaginário ocidental provocado por tais figuras se reflete não apenas na literatura, mas de igual modo na produção artística: diferentes pintores e pintoras abordaram as aventuras de Odisseu e destacaram seu contato com estas mulheres não humanas. Deste modo, este estudo irá avaliar de que maneira artistas que pintaram entre os séculos XVIII e XIX apresentaram estas personagens, por meio das seguintes pinturas selecionadas: *Circe oferece a taça para Ulisses* (1891), *A Ilha de Calypso* (1897) de Hebert James Draper, *Odisseu em frente a Cila e Caribdis* (entre 1794 e 1796) de Johann Heinrich Füssli, e *As Sereias e Ulisses* (1825) de William Etty.

Neste artigo se pretende, portanto, referir a discussão relativa ao gênero e à construção de um olhar sobre o feminino no período da Grécia Antiga bem como no momento em que as obras pictóricas em análise. A reflexão sobre a forma como as mulheres são abordadas ao longo dos séculos pode contribuir para observar se é possível encontramos rupturas e continuidades na maneira com a qual o feminino é contemplado, o que possibilita a identificação da influência sobre o imaginário relativo às mulheres até os dias atuais.

### **Gênero, feminino e Antiguidade: algumas reflexões**

A compreensão dos elementos de gênero que organizam a sociedade é um fator fundamental para melhor analisar a realidade em toda a sua complexidade. O termo “gênero” mostra-se uma categoria analítica que contribui sobremaneira para referir o caráter histórico da atribuição de papéis sociais por diferentes civilizações e revelar o estabelecimento de hierarquias entre homens e mulheres e os elementos vinculados a cada um destes segmentos. As questões de gênero vêm sendo frequentemente distorcidas, sendo associadas a um caráter de autoritarismo, como se aqueles e aquelas que se dedicassem a refletir sobre tais tópicos desejassem impor a outrem um determinado comportamento ou identidade sexual. Em verdade, o uso do gênero como chave explicativa de determinado ponto do real auxilia a desvelar as diferenças entre os corpos considerados masculinos e femininos como elementos discursivos construídos ao longo do tempo. Piscitelli explicita que

O termo gênero, em suas versões mais difundidas, remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para desmontar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas diferenças. (PISCITELLI, 2009, p.119)

A categoria denominada “gênero” não apenas demonstra a inexistência de uma diferenciação inata e ontológica entre homens e mulheres, mas refere que os discursos construídos em torno de tal falácia servem a jogos de poder a partir dos quais um grupo, o feminino, passa a ser desvalorizado frente ao masculino. Deste modo um conjunto de questões materiais e simbólicas passam a ser mobilizadas reservando os melhores recursos, os espaços de privilégio, àqueles que são considerados homens, enquanto às mulheres reserva-se o lócus da domesticidade e da reprodução ou, quando algumas integrantes desta camada social conseguem acessar o âmbito público, poucas vezes são locais de destaque ou importância. Joan Scott aborda o conceito de gênero demonstrando que este seria um modo primordial de dar significado às diferenças sociais, evidenciando as disputas de poder envolvidas em tal desigualdade. Segundo a autora

O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional. (SCOTT, 1995, p. 86)

Deste modo, apesar de não ser recomendável recair em uma perspectiva anacrônica ao observar as civilizações do passado e julgar as relações entre feminino e masculino com base nas opressões atuais, é possível identificar que as sociedades constantemente basearam-se nas distinções corporais entre homens e mulheres para atribuir determinadas funções a cada um destes grupos, significando por meio de discursos os motivos de tal separação de tarefas. O estudo da história das mulheres do período da Antiguidade mostra-se desafiador no sentido em que as fontes relativas a estas figuras femininas foram redigidas por homens, havendo a necessidade de referir esta lente na interpretação dos vestígios encontrados. Portela afirma que

Ao considerar as fontes históricas para a reconstituição do universo cultural feminino na Antiguidade Clássica, o investigador depara-se frequentemente com dois problemas: por um lado, a escassez de informações concretas sobre a vida das mulheres; por outro, a quase inexistência de testemunhos femininos directos, já que os registos que nos chegaram, quer nas fontes escritas, quer nas iconográficas, são quase sempre filtrados pela subjectividade do olhar masculino. (PORTELA, 2012, p.132)

Assim, é difícil analisar de que modo as mulheres de fato atuavam socialmente no período histórico em que os textos homéricos foram redigidos devido à carência de fontes; entretanto, o presente estudo tem por finalidade o estudo da obra homérica e sua representação na arte, valendo-se, portanto, dos Cantos da Odisseia e a interpretação destes por parte dos artistas. A leitura da narrativa do aedo permite vislumbrar elementos de gênero que referem um determinado comportamento, uma forma de agir e se posicionar das personagens femininas que, senão copiam fielmente

aquilo que se encontra na realidade, ao menos possui alguma ressonância com o imaginário no intuito que a obra seja compreensível àqueles e àquelas que ouvem seu canto ou leem seus versos.

As personagens femininas selecionadas para a análise do presente estudo apresentam elementos bastante variados uma vez que algumas destas figuras são apresentadas por meio da exaltação de seus aspectos físicos e sua beleza incomparável, relativa aos atributos divinos, enquanto a descrição das monstrosas acentua o caráter aterrorizante das personagens, seres deformados, híbridos, que se alimentam da carne humana. Tais personagens, em certa medida, subvertem uma perspectiva de gênero comumente apresentada, a qual associa o feminino à delicadeza e à submissão, demonstrando que a apresentação destas personagens, as quais influenciam a jornada do herói, estão vinculadas ao exercício de poder. Perrot argumenta que

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos [...] elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência-à hierarquia, à disciplina -que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. (PERROT, 1988, p.202)

Deste modo, compreende-se que as personagens femininas não humanas mobilizam uma relação outra de poder, mesmo carregando alguns aspectos vinculados a papéis de gênero que são atribuídos também às mulheres comuns. A condição de sobrenaturalidade que estas comungam obriga a que o olhar e a relação estabelecida com o herói se dê em outros moldes, uma vez que este teme as reações e os desejos das personagens divinas ou das figuras monstruosas. Assim, a importância destas mulheres para a consecução da epopeia do herói é reconhecida por artistas, que, por meio da arte, salientam os desafios impostos a Odisseu pelas divindades femininas que este encontra em sua jornada.

## O Feminino na Antiguidade e a arte: representações pictóricas de deusas e monstras

A representação artística das figuras femininas presentes na Odisseia podem auxiliar no processo de desvelamento das questões de gênero presentes na narrativa homérica, bem como nas próprias concepções sobre o feminino no período no qual a pintura foi realizada. A arte mostra-se uma esfera do saber que envolve uma série de elementos complexos, relativos não apenas aquele/aquela que produz as imagens, mas que impacta a quem a observa, perturbando, comunicando, buscando emoções. Didi Huberman refere o quanto a imagem “arde” naquele que para ela olha,

Porque a imagem é outra coisa que um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que não pode, como arte da memória, não pode aglutinar. É cinza mesclada de vários braseiros, mais ou menos ardentes. (HUBERMAN, 2012 p.216)

A arte é uma forma de expressão complexa, associada a uma série de tópicos referentes ao momento no qual é realizada, o senso estético de determinadas populações, as tecnologias acessíveis em um momento específico, entre outras categorias do simbólico pertinentes em cada período histórico. Deste modo, Coli afirma que a arte é uma área de difícil definição, para a qual não se obtém uma solução fácil e unitária. Segundo o autor:

Dizer o que seja arte é uma coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepçamos-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como uma solução única. (COLI, 1995, s/p.)

Deste modo, a arte estabelece pontes, constrói uma relação entre aquele que produz determinada obra e quem a observa ou consome, interação que demonstra o quanto tal situação é complexa, dado que ambos, quem produz e quem aprecia estão

imersos nos aspectos culturais de sua época. Além disso, não é possível desprezar o fato de que os/as artistas respondiam a questões como as instruções dos investidores das artes, respondendo muitas vezes a realidade material como acesso a tintas e outros produtos utilizados para a finalização da obra.

Assim, os quadros analisados compõem um olhar não somente sobre as personagens selecionadas, mas sobre como estas se inserem em uma perspectiva mais geral sobre o feminino. A primeira produção pictórica a ser referida será Circe oferece a taça para Ulisses (1891) produzida por John William Waterhouse, a qual apresenta uma imagem da ninfa sentada em um trono, oferecendo uma bebida enfeitiçada a Odisseu. A filha de Helios e, possivelmente, Hécate, Circe é uma poderosa deidade que vive na ilha de Ea. Conhecida como uma terrível feiticeira, a ninfa de belas tranças costumava divertir-se transformando os homens que chegavam a sua ilha em animais selvagens ou em porcos, possuindo um verdadeiro séquito animalesco. Madureira explicita que

Circe não possui marido nem guardião masculino. Está conectada, por sua genealogia, às forças titânicas selvagens e cada uma das decisões que toma em sua existência não precisam passar pelo crivo ou aprovação de outrem. Assim, usa da magia a seu bel-prazer, atormentando os homens que, perdidos no mar, acabam atracando em sua ilha e se tornam vítimas ao aceitar sua hospitalidade sem desconfiar do grande mal que este convite os causará. (MADUREIRA, p.297)

Circe é uma personagem que contraria o olhar sobre hospitalidade que predomina na Grécia Antiga, e demonstra seu poder sobre os homens tornando-os animais. A filha de Helios, de fato, só consegue sobrepor sua vontade dada a sua característica divina, o que é possível observar na composição de uma personagem que vive sozinha, que domina seu espaço e é autossuficiente, que submete os homens exercendo um poder temido por todos. Circe é dona de uma astúcia que está disseminada por toda a obra homérica, uma vez que os personagens da Odisseia precisam constantemente ultrapassar os obstáculos que lhes são impostos por meio de uma inteligência ardilosa, e a ninfa não é uma exceção. Os engodos promovidos



por Circe, que atrai por sua beleza e sua capacidade canora, acabam desfigurando os homens, e por isso, a métiis da deidade é apontada em uma ótica negativa. Ao analisar a inteligência astuciosa de Penélope, esposa mortal de Odisseu, e a da ninfa, a qual vivenciará uma relação amorosa com o herói, Santos afirma que

a métiis compartilhada pelas personagens ganha significados diferentes. Enquanto a métiis de Penélope serve ao propósito de Odisseu, afinal, ela promete escolher um pretendente assim que terminasse de tecer a mortalha, mas, durante a noite, a própria desmanchava todo o trabalho, a astúcia de Circe ganha caráter negativo justamente por suas características que fogem ao padrão feminino que Penélope representou mesmo antes da fixação de tal modelo idealizado. (SANTOS, p.255)

Assim, Circe é inicialmente uma personagem que oferece perigo ao herói, o qual poderia ter sua jornada interrompida ao ser transmutado em um animal. Odisseu, após seus companheiros de viagem terem sido transformados em porcos pela feiticeira, decide confrontá-la para salvar àqueles pelos quais era responsável. Contudo, Ulisses tem consciência do poder de Circe e a teme, supondo que, enquanto homem mortal, não teria condições de enfrentar a deidade. Assim, a única forma de vencer a ninfa seria por meio do engodo, e, para tanto, Odisseu contará com as instruções do deus Hermes, acessando ervas que o protegeriam da mágica de Circe. Deste modo, ao encontrar a divindade, Odisseu resistiu à tentação e investindo contra ela com uma espada desembainhada, conseguiu obter os favores de Circe.

Deste modo, a divindade estabeleceu uma nova relação com o herói, libertando seus companheiros e passando a dividir seu leito com Odisseu. A partir de então, Circe deixa de ser um obstáculo que desafia a jornada do guerreiro, mas passa a ser fundamental para que o soberano de Ítaca alcance seus intentos. Circe explicará o modo de passar pelas monstros que vivem no mar, elemento fundamental para compor a glória de Odisseu. Assim, dada a forma como a personagem é importante para a narrativa, bem como o modo que esta mobiliza elementos vinculados ao feminino, como a periculosidade, o engodo, mas também a beleza e a sedução, muitos foram os artistas que se dedicaram a representar a ninfa da ilha de Ea.



Circe Oferece a Taça para Ulisses (1891). Pintor John William Waterhouse. Óleo sobre tela - 175 cm x 92 cm. Disponível em <https://pt.wahooart.com/@/8BWTFW-John-William-Waterhouse-Circe-que-oferece-o-copo-a-Ulysses>. Acesso em 10 de março de 2023.

A obra que será analisada em relação à Circe é o quadro intitulado “Circe oferece a taça para Ulisses (1891)” produzida por John William Waterhouse, pintor inglês influenciado pelo movimento pré-rafaelita. A obra retrata o momento em que Circe procura enganar Odisseu, oferecendo a taça de bebida enfeitiçada, ignorando que o herói já conhecia suas intenções. A deidade encontra-se em um espaço escuro, sentada em um trono dourado, ornado com esculturas de leões, reforçando o caráter selvagem da personagem. A luz incide sobre a figura feminina, a qual possui um espelho arredondado a suas costas, por meio do qual é possível identificar elementos que estão fora da visão de quem aprecia a pintura. A observação do espelho revela a entrada do lar de Circe e o barco de Odisseu próximo a uma coluna de cor terrosa. É possível também observar o próprio Odisseu, que parece olhar fixamente para a ninfa, seu corpo demonstrando estar em movimento, possivelmente se preparando para desembainhar a espada e ameaçar a ninfa.

No chão, próximo ao seu trono, encontram-se espalhadas plantas, flores, folhas, os quais remetem às habilidades de Circe como feiticeira. De fato, é possível

evidenciar a associação entre o feminino e a capacidade de utilizar os pharmakon, o que pode ser mobilizado para o benefício de alguém doente ou para provocar prazer, como é o caso do uso feito por Helena no canto IV da Odisseia, a qual desejava provocar sensações harmoniosas e boas recordações em Telêmaco e os demais convivas, demonstrando hospitalidade, ou para intentos maléficos, como a transmutação dos companheiros de Odisseu em porcos. Ao lado do trono de Circe, é possível verificar que um porco selvagem está deitado, encostado à barra do vestido da deidade, referenciando os homens transformados em animais por obra da ninfa.



Detalhe da obra *Circe Oferece a Taça para Ulisses* (1891). Pintor John William Waterhouse. Óleo sobre tela - 175 cm x 92 cm. Disponível em <https://pt.wahooart.com/@@/8BWTFW-John-William-Waterhouse-Circe-que-oferece-o-copo-a-Ulysses>. Acesso em 10 de março de 2023.

A análise do recorte da obra que destaca a imagem da personagem permite que se ressalte o desejo do artista em retratar uma Circe bela e poderosa, que oferece a taça com a bebida enfeitiçada e maneja seu cajado, o qual utiliza para concretizar a transformação de seres humanos em animais. A ninfa está sentada em seu trono com um ar de altivez, possui longos cabelos castanhos desalinhados, como se estivessem sendo movimentados por uma brisa, enfatizando o caráter selvagem da personagem. Circe tem a pele muito alva, um elemento valorizado em relação à estética do período de produção da obra, e veste uma túnica de uma azul-acinzentado tão fina que em alguns pontos o corpo da deusa é revelado: é possível observar os contornos dos joelhos, o colo e os seios, insinuando o potencial de sedução da personagem. Circe possui uma pele tão clara que parece ter luz própria, contrastando com os lábios

muito vermelhos, outro indício de elementos relacionados ao desejo carnal que pode ser provocado pela beleza da deusa. Seus braços muito abertos, na oferta da bebida, parecem estar oferecendo também a si própria, remetendo a um ideal de um feminino belo e que provoca o desejo masculino. Circe não parece temerosa do momento em que se encontra com o herói, mas segura de sua capacidade de domínio, o que possibilita refletirmos sobre o contraste entre uma perspectiva de feminino submisso, que deveria, em tese, obedecer e silenciar, e a personagem selecionada, senhora de sua ilha e de suas decisões. Odisseu, seguindo as instruções de Hermes, irá submeter a deusa a sua vontade e compartilhará de seu leite, entretanto, sem observarmos um envolvimento de fato afetivo entre os personagens. A mudança que se estabelecerá será, assim, em relação à atuação de Circe, que passa a auxiliar Odisseu em sua jornada, não apenas libertando os companheiros de seu destino animalesco, mas explicitando por qual modo Odisseu poderia escapar das monstrosidades. A imagem produzida por Waterhouse demonstra esse ideário de um feminino traiçoeiro, belo e sedutor, enquanto em verdade deseja dominar o herói, mas quando submetida, passa a servir a seus intentos, contribuindo, inclusive, de forma decisiva para que Odisseu se tornasse o herói cujas façanhas serão cantadas através dos séculos.

A próxima imagem a ser analisada é a obra “A Ilha de Calypso” (1897), pintada por Herbert James Draper, artista inglês do movimento neoclássico. A obra remete à bela ninfa Calypso, a qual recebe em sua ilha o náufrago Odisseu e, apaixonada pelo herói, o mantém escondido por anos junto a si. Calypso oferece a Odisseu a imortalidade, no intuito de desposar o guerreiro, o qual, contudo, apenas quer retornar ao lar e aos braços de sua mortal esposa, Penélope. De fato, se Odisseu aceitasse a oferta de Calypso seu nome se perderia no espaço do mar, do não ser, pois o mar é espaço de travessia, um lugar onde não se existe, onde nada há. Deste modo, o ardiloso guerreiro não poderia narrar suas aventuras, plantar e perpetuar sua linhagem. O desejo de rever sua terra natal acaba por se concretizar com a intervenção divina, pois Zeus decide enviar Hermes para exigir que Calypso liberte o soberano de Ítaca. Assim como Circe, Calypso é uma figura de extrema beleza, dada sua imortalidade, que não permite que ela sequer seja comparável a uma reles mortal,

como Penélope, da qual em determinado momento aparenta sentir ciúmes. As duas deidades relacionam-se sexualmente com o herói, representam o feminino sedutor e estético, sendo, de certa forma, perigosas e atraentes como o próprio mar em que vivem. Deloya, ao comparar as duas divindades, expõe que

elas se mantêm apartadas das leis do Olympus e se destacam pela sua erotização sedutora e ardente dos homens; anseios femininos ativos que se vinculam de forma múltipla, em sua origem, com o mar, com suas moções ativas e passivas entrelaçadas. Os cachos ondulados de seus cabelos e o tear, ocupação constante de Calypso, estão em continuidade com a figuração sexual das ondas e correntezas marítimas. (DELOYA, 2021, p.110)

A bela ninfa de cabelos trançados e voz suave, envolve-se com Odisseu e é cuidadosa com sua aparência, buscando vestir-se e ornar-se com esmero. É possível identificar a referência à vaidade da ninfa na passagem em que após compartilhar o leito com Odisseu, Calypso veste-se cuidadosamente para depois poder planejar de que modo poderia auxiliar o herói em sua partida da Ilha de Ogígia.

Para o interior ambos eles se foram da gruta escavada;  
dão-se aos deleites do amor, e bem juntos um do outro se ficam.  
Logo que a Aurora, de dedos de rosa, surgiu matutina,  
sem mais demora, Odisseu veste a túnica e o manto veloso.  
Ela, Calipso, se adorna com peplo bem grande e luzente,  
belo de ver e mui fino, que aperta no corpo com um cinto  
de ouro e lavrado; por último, o véu na cabeça coloca.  
(HOMERO, CANTO VII, vv.226-232)

Deste modo, Calypso também impõe ao herói um desafio de suma importância: resistir à tentação ao desejo de imortalidade, a qual não deveria ser acessada por nenhum mortal. O obstáculo que Odisseu deve ultrapassar neste momento é muito sutil, e apesar de não parecer arriscado como no caso de Circe, em que um passo em falso acarretaria na transformação em um animal, o guerreiro ardiloso poderia provocar a ira divina por se atrever a desejar o que não cabe aos mortais: a vida eterna. Odisseu, então, opta pelo que lhe cabe, enquanto pertencente à humanidade,

perecível, porém capaz de atos heroicos: a perpetuação de seu nome, cantado devido às suas aventuras maravilhosas.

Conformada com a partida do amado, Calipso começa a auxiliá-lo para que sua partida seja segura e ele possa chegar a seu destino a contento. Deste modo, assim como exposto a respeito de Circe, Calypso, em um primeiro momento, apresenta-se como um desafio a Odisseu, que deve recusar a oferta de partilhar sua existência com a ninfa ao longo de toda a eternidade; contudo, após superada a adversidade, Calypso se esforça para que o herói tenha todas as condições para seguir sua viagem à Ítaca e retomar sua terra dilapidada pelos pretendentes à mão de sua esposa Penélope. A ninfa desempenha as tarefas que são atribuídas às figuras femininas, como a garantia de que o guerreiro tenha suprimentos suficientes para sua viagem. Calypso atenta não apenas para a alimentação, mas também para sua vestimenta. Por fim, a ninfa, por meio de seus poderes, garante que Odisseu tenha bons ventos para navegar, logo após a jangada confeccionada pelo herói estar pronta.

No quarto dia o trabalho ficou concluído a contento,  
e no dia seguinte a divina Calipso mandou que se fosse  
da ilha, depois de o banhar e prover de vestidos adoros.  
Pôs na jangada dois odres, um de água, bem grande, e um de vinho  
de cor escura. Num saco de couro depôs, de igual modo,  
muitos manjares de fino sabor e variada feitura.  
Fez que soprasse, em seguida, um bom vento, propício e agradável, a  
o qual as velas o divo Odisseu satisfeito desfralda.  
(HOMERO, Canto V, vv.262-269)

A obra em análise apresenta uma figura feminina de costas para o observador, sendo que a luz incide sobre seu corpo, realçando a brancura de seu corpo desnudo. A personagem está envolta em tecidos leves, brancos e vermelhos, seu rosto, imperceptível a quem observa a cena, está voltado para a paisagem, propiciando um sentimento de solidão e nostalgia. A imagem, que privilegiou os tons terrosos das rochas, pintadas em marrom e bege, e os azuis muito escuros do mar profundo, ressalta a beleza da pele de Calypso, avaliando que no período em que a pintura foi realizada este era um traço distintivo de beleza feminina, uma vez que o século XIX é um momento em que as teorias racistas, como a perspectiva do branqueamento da

população para uma suposta melhoria das capacidades produtivas e econômicas da nação, estavam vigentes.

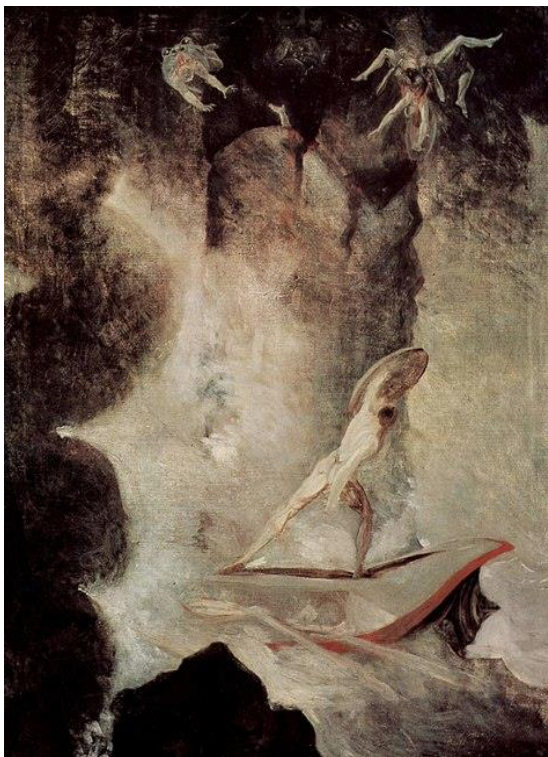
A cena retratada destaca a sensualidade do feminino, a beleza e a delicadeza de um corpo frágil e abandonada pelo homem que ama, uma personagem que precisa se resignar e obedecer aos desejos de seus superiores, ou seja, os deuses olímpicos. Calypso é uma ferramenta essencial para que o herói tenha sucesso em sua jornada, pois fornece segurança, afetividade, além de infraestrutura para que Odisseu prossiga em seus intentos. Deste modo, a personagem reforça algumas questões sobre o feminino e a obra pictórica realça tais elementos, acentuando a sensualidade e, de certo modo, uma sensação de passividade por parte de Calypso, bela e resignada ao abandono sofrido.



A Ilha de Calypso (1897). Pintor: Herbert James Draper. Óleo sobre tela. 84 cm X 147,3 cm.  
Disponível em  
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Herbert\\_James\\_Draper,\\_Calypso%27s\\_Isle.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Herbert_James_Draper,_Calypso%27s_Isle.jpg)  
Acesso em 10 de março de 2023.

A pintura Odisseu diante de Cila e Caríbdis (1794-96) apresenta um dos momentos mais desafiadores da trajetória do herói, o momento em que este precisa enfrentar duas monstros perigosíssimas, das quais poucos podem de fato escapar: Cila e Caríbdis. As monstros marinhas são personagens pouco citadas na obra, mas oferecem um obstáculo de grande dificuldade para Odisseu: as duas personagens situam-se próximas uma da outra devorando os navegadores que ali passavam. Enquanto Cila é descrita como uma personagem terrível, de cujo corpo emergiam

cabeças monstruosas, Caríbdis é uma monstra faminta, um turbilhão que carrega os marinheiros para a morte. Circe alerta Odisseu para os perigos oferecidos por estas divindades, preparando o herói para tal enfrentamento.



Odisseu diante de Cila e Caribdis (1794-96). Pintor: Johann Heinrich Füssli. Óleo sobre tela. 126 cm X 101 cm. Disponível em [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Johann\\_Heinrich\\_F%C3%BCssli\\_054.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Johann_Heinrich_F%C3%BCssli_054.jpg). Acesso em 02 de abril de 2023.

A obra pictórica de Füssli apresenta Odisseu em confronto com as monstras, em uma atitude que ressalta a força da guerreira, que com seu corpo atlético e nu se defende dos ataques das deidades. A cena se desenvolve em tons claros, em que podemos perceber o esfumaçado da água caindo e os vapores em contraste com as rochas que ladeiam este espaço. Odisseu orienta seu escudo para cima, demonstrando a dimensão das monstras, gigantescas frente à insignificância de um mortal. Odisseu sobrevive ao desafio, contudo perde diversos de seus companheiros, o que lhe causa sofrimento. O herói de múltiplas habilidades narra seu enfrentamento e o uso de diferentes formas de lidar com as monstras, não apenas valendo-se de táticas



explícitas de confronto, mas também de estratégias como recuo ou mesmo escondendo-se para aproveitar uma melhor oportunidade de escapar da voracidade da divindade. O herói explicita que

Dessa maneira vaguei toda noite; ao raiar o Sol belo,  
vi-me de novo no escolho de Cila e da seva Caribde  
Esta na fase de as ondas do mar absorver se encontrava;  
Mas, dando um salto, agarrei-me no tronco da grande figueira,  
Qual um morcego, bem firme abraçado, sem ter nenhum ponto  
Em que me fosse possível firmar-me, ou subir mais um pouco,  
Pois as raízes no fundo se achavam os galhos muito altos,  
Grossos e longos que sombra faziam na seva Caribde. (HOMERO,  
Canto XII, vv.429-436)

Por fim, as Sereias ou Sirenas, mulheres-pássaro, que possuem uma bela voz cheia de promessas, mostram-se um desafio de resistência ao herói, que deseja ouvi-las mas sem se perder no fascínio destas personagens. Seres híbridos que espantam mas também provocam o desejo pelo conhecimento, as Sereias exigem de Odisseu a busca por novas estratégias de sobrevivência e passam a requerer do herói o uso de sua famosa astúcia. Meneses explicita o fato de que as Sereias não seriam, na Odisseia, personagens sensuais, uma vez que monstras, mas que seduzem pela possibilidade de oferecer conhecimento e, portanto, poder e glória. A autora aponta que

As Sereias seduzem pela promessa de um saber que é fundamental a Odisseu, que lhe concerne vitalmente, na medida em que conhecem tudo que gregos e troianos viveram em Troia; mas, para além da própria épica, sabem “tudo quanto se passa na terra fecunda”. São detentoras de um conhecimento de uma amplitude totalizante. Não há nenhum sinal de sedução sexualizada, não há sinal de uma beleza corporal das Sereias, nada de uma descrição física; no entanto, a sua voz, reiteradamente descrita, é qualificada várias vezes como “doce”, e, sobretudo, nos é apresentado o seu efeito: elas fascinam, atraem prometendo conhecimento. (MENESES, 2020, p.75)

A pintura selecionada para a análise é *As Sereias e Ulisses* de William Etty, a qual apresenta uma outra perspectiva sobre o feminino do que o acima relatado. A

obra pictórica ressalta o momento em que o barco de Odisseu passa próximo à Ilha das Sereias, e, movido pelo belíssimo canto das personagens, o guerreiro tenta se desvencilhar de suas amarras para seguir as vozes das deidades. Os marinheiros procuram conter seu líder, o barco parece oscilar, enquanto no céu predominam nuvens cinzentas que acentuam o caráter tenso desta etapa da travessia do soberano de Ítaca.



As Sereias e Ulisses. Pintor: William Etty. Pintura à óleo. 442,5 cm por 297 cm.  
Disponível em

[https://pt.wikipedia.org/wiki/As\\_Sereias\\_e\\_Ulisses#/media/Ficheiro:The\\_Sirens\\_and\\_Ulysses\\_by\\_William\\_Etty,\\_1837.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Sereias_e_Ulisses#/media/Ficheiro:The_Sirens_and_Ulysses_by_William_Etty,_1837.jpg) Acesso em 15 de abril de 2023.

Na Ilha, três mulheres nuas parecem convidar os jovens marinheiros a se aproximarem, destacando-se, uma vez mais, a brancura da pele, os seios à mostra, em uma óbvia exaltação à beleza do corpo feminino e de sua potencialidade sedutora. Todavia, estas belas mulheres estão rodeadas de cadáveres masculinos, alguns que parecem ter sido assassinados recentemente, uma vez que seu corpo ainda está vertendo sangue, enquanto outros foram mortos a mais tempo, restando apenas seus ossos. Assim, as mulheres apresentadas na pintura não são monstros de corpo híbrido, que poderiam causar repulsa, mas sim jovens belas e nuas, as quais parecem oferecer um convite aos prazeres sensuais.

A obra homérica não apresenta tais aspectos, mas alerta para o perigo da aproximação destas monstrosas, que seduzem por sua voz canora. É Circe quem orienta Odisseu a tapar os ouvidos de seus companheiros de viagem com cera e solicitar que seja fortemente amarrado ao mastro para que possa ouvir as vozes encantadas sem a elas ceder.

Primeiramente, hás de ir ter às Sereias, que todos os homens  
Que se aproximam dali com encantos prender têm por hábito.  
Quem quer que, por ignorância, vá ter às Sereias, e o canto  
Delas ouvir, nunca mais a mulher nem os tenros filhinhos  
Hão de saudá-lo contentes, por não mais voltar para casa  
Enfeitiçado será pela voz das Sereias maviosas  
Elas se encontram num prado; ao redor se lhe veem muitos ossos  
De corpos de homens, nos quais se engrouvinha a epiderme.  
(HOMERO, Canto XII, vv.39-46)

Assim, o artista enfatiza uma vez mais o caráter do feminino como belo e sedutor, ao mesmo tempo em que salienta os perigos reservados a todos que se deixam encantar pelas mulheres, cuja suposta natureza guarda também elementos de traição e engodo. As sereias pintadas por William Etty carregam em grande medida um olhar de gênero que representa as mulheres como um segmento que apesar do corpo frágil e sedutor, tem a capacidade de enlouquecer os homens e, depois, devorá-los.

### Considerações Finais

As perspectivas de gênero, as quais estão presentes em diferentes formas discursivas, sejam narrativas escritas, sejam produções imagéticas, constroem e perpetuam determinados olhares sobre as mulheres. O presente estudo buscou apontar alguns elementos que constam tanto na épica homérica quanto em obras pictóricas e que constituem um determinado olhar sobre o feminino e que acarretam a naturalização de uma suposta essência sobre o feminino. Assim, algumas personagens femininas foram utilizadas para tal reflexão: as divindades, semideusas ou monstrosas,

figuras essenciais para o desenvolvimento da jornada do herói e a obtenção do kleos do guerreiro.

Assim, as ninfas Circe e Calipso são as personagens fundamentais para o suporte ao herói na obtenção de sua glória, sendo mulheres de beleza incomparável, que se envolvem sexualmente com Odisseu. Nas imagens produzidas pelos artistas é possível ver o realce ao corpo feminino, com imagens de mulheres de pele alva e cuja parcela do corpo está à mostra, ou levemente escondidas por tecidos vaporosos. Enquanto Calipso evoca a solidão e o abandono, a ninfa Circe é apresentada em um trono ladeado por animais selvagens, que podem estar associados a uma suposta estreita relação entre feminino e natureza. Assim, apesar da personagem acabar sendo de certo modo “domada” por Odisseu, aquelas animais estão presentes como uma lembrança perturbadora das capacidades da feiticeira da ilha de Ea.

A representação das Sereias também se vale dos mesmos pontos de destaque: belas mulheres que atraem os homens, mas que podem ser traiçoeiras, sendo o objetivo central levá-los à morte. As únicas personagens que escapam de tal abordagem são Cila e Caríbdis, cujas deformidades assustadoras, uma delas com enormes cabeças saindo do corpo, a outra em si mesma um redemoinho voraz, não permitem que tal aspecto seja explorado adequadamente. Assim, as monstros salientam um feminino cujo caráter maléfico não está disfarçado como nas situações anteriores, mas revela todo o seu potencial perigoso, para o qual o herói deve estar prevenido.

A guisa de conclusão é possível perceber que elementos relativos ao feminino sempre foram mobilizados ao longo do tempo para apresentar um determinado olhar sobre as mulheres, seja como seres frágeis e passíveis de abandono, seja como belas e atraentes, porém sempre misteriosas e quicá perigosas. Compreender tais questões auxilia a todos e todas pesquisadores/as a observar tópicos que ainda se apresentam na formulação de características atribuídas às mulheres, que muitas vezes desvaloriza este segmento social, permitindo a manutenção de desigualdades de gênero que devem ser, ao contrário, revistas e combatidas.

**Fontes**

HOMERO. **Odisseia**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

**Referências**

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, p. 206-219, 2012.

MADUREIRA, Stéphanie Barros. Relacionando magia e gênero na Grécia antiga: Circe e Medeia como representações sociais de feiticeiras na Atenas Clássica (século V aC). **Revista Hélade**, v. 5, n. 2, p. 281-300, 2019.

MARTINS, José Eduardo Figueiredo de Andrade. O jogador Odisseu entre Calipso, Cila e Caríbdis: uma reflexão sobre a exploração dos jogos de azar pela Odisseia de Homero. **Logos (La Serena)**, v. 29, n. 1, p. 78-93, 2019.

MENESES, Adelia Bezerra de. Sereias: sedução e saber. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, p. 71-93, 2020.

PERROT, M. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Beriadis & Vertecchia, 2009, p.116-149.

PORTELA, Joana Abranches. Os rolos das mulheres na Antiguidade Clássica: adereços de cultura ou livros de leitura? **Ágora. Estudos Clássicos em Debate**, n. 14, p. 131-170, 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995

TEIXEIRA, Rafaela dos Santos. **Circe e a Métis: GÊNERO, MITOLOGIA E MAGIA NA ODISSEIA**. Revista Trilhas da História, v. 12, n. 23, p. 245-258, 2022.

Recebido em maio de 2023  
Aceito em novembro de 2023